Tootnovel



Call of C'turno



Cárlisson Bardo
@bardo@ursal.zone

Desde que entrei no curso de História, minha visão mudou sobre muitos temas. No estudo inicial da História Antiga, uma coisa me intrigava. Um mal rondava a sociedade desde que pessoas começaram a se comunicar usando os primeiros ancestrais do que chamamos de palavras. Um mal terrível e antigo que teria ficado para trás. Ou não.

Há mais de 100 anos tivemos a Grande Guerra das Cores. Exércitos monocromáticos de

todo o mundo se enfrentaram. Aprendemos sobre isso na escola. Esse fato histórico deu origem, inclusive, a diversos jogos que conhecemos hoje em dia, como o War e o Ludo. Há mais sobre essa guerra que a Escola não conta.

A História nos conta que o exército azul venceu a guerra. Os vermelhos foram derrotados na guerra que eles próprios haviam começado. Que eles eram terríveis e violentos,

inconsequentes e egoístas. É o que a história na escola nos ensina. Na faculdade nós temos acesso a historiadores diferentes e percebemos que a coisa não foi bem assim.

Segundo a historiadora Marta Xiriléu, a guerra foi iniciada pelo exército azul, mas os amarelos se aliaram a eles e a venceram. Hadrian Alcuma tem vários documentos históricos que mostram o envolvimento de cultistas naquela guerra.

Pelo menos um dos exércitos estava recorrendo a forças malignas, mas não havia o suficiente para saber qual.

Cultistas na Grande Guerra das Cores eram uma curiosidade. De grande importância para a História, mas de certa forma uma curiosidade. Isso se tornou um tema de pesquisa de fato quando comecei a perceber alterações importantes na nossa sociedade. Algo estava acontecendo e podia ter a ver com aquele deus

antigo. Pessoas falavam de um mito.

Eu deveria começar minha busca na minha própria casa. Era fato conhecido que a universidade abrigava grupos de sociedades secretas das mais diversas. Eu tinha que investigar à procura de algum culto entre os remanescentes do exército preto. Pessoas que andam de preto em todo lugar, ouvem músicas estranhas, se formam de preto...

Passando pelo mural do meu bloco eu prestei atenção aos anúncios afixados. Havia os habituais quartos de república com vagas a preencher; revisores de monografia; e alguns chamavam mais minha atenção. "Aventuras inesquecíveis" era o mais interessante. Trazia um dragão ilustrado ao fundo e um endereço. E uma data e hora na semana. É esse.

Terça-feira, 19 horas. Local: a sala de um tal GQAA.

Faltavam 10 minutos para a hora marcada quando um sujeito um pouco alto e desengonçado chegou com a chave da porta. "Posso ajudá-lo?" "Oi, eu vim por causa do aviso de aventuras" "Ah, sim sim! Pois pode entrar! Eu sou Rafael. Qual o seu nome?" "Diogo Rios". Eu devia ter dado um nome falso...

Logo chegaram três rapazes. Um deles, como eu, vinha pela primeira vez. Rafael nos apresentou: "Esse aí é o

Wagner, ele joga com um druida. O Pavel joga com um paladino." "Goblin paladino!", o cara fortão corrigiu. "Tá, se for por isso o meu druida é anão.", o outro reclamou. "Vocês dois são Diogo e..." "Timotheus" "Certo... Já tem personagem?"

Aquilo me deixou confuso. "Personagem? GQAA é um grupo de teatro?" "Não!" Rafael deu uma gargalhada e continuou: "Sou bolsista daqui, é um projeto de

pesquisa. A gente aproveita o espaço pra jogar RPG nas terças, que é mais sossegado." "Entendi... E o que é RPG?" "É um jogo de dado legal, com aventura que a gente joga, você vai gostar!"

"Eu tenho um elfo bardo da mesa antiga." Timotheus fala. "Legal! Que nível?" "Está no décimo, mas eu tenho a ficha dele quando era de 1º nível" "Ótimo! Vamos usar essa. E você, Diego?" Aqui vamos nós... "É

Diogo. Bom, eu não tenho ideia. Nunca joguei isso e não sei nem como é." "Tudo bem, você pode usar um desses" e me entrega uns papéis.

"O que é um monge? E um patrulheiro?" "Pra você que está começando é bom esse aqui." "Elfo guerreiro?" "É, é mais simples." Aquilo estava bastante confuso, mas já que eu havia vindo, precisava seguir com minha investigação. "Tudo bem, pode ser esse então."

"Maravilha! Você se chama Natália e..." "Hein? Não era um elfo?" "Ah é, é uma elfa!"

Eu era Sten, um patrulheiro. Me explicaram que era um sujeito que mora na floresta e sabe tudo sobre a vida selvagem. É, eu era um escoteiro, ou um daqueles caras que tem programa documentário na África selvagem. Tudo muito esquisito, mas até aquele momento ninguém havia falado de deus antigo ou de

ritual macabro. Cabia a mim esperar.

Rafael começou a contar uma história que estranhamente envolvia esses personagens que a gente estava. Num bar antigo (suspeito) uma briga terminou fazendo todos serem presos. Não sei o que o meu escoteiro estava fazendo no bar, mas a história terminou com todos em um calabouço. Tivemos que ir embora e prometer voltar na semana seguinte.

A primeira tentativa foi infrutífera. Pelo menos consegui um livro estranho para investigar. Um tal de Livro do Jogador, em versão xerocada e encadernada. Já bastante usado, devo dizer. Levei-o pra casa e comecei a investigar, em busca do tal deus antigo. Enfim, encontrei referência a deuses, mas aquilo parecia um jogo de videogame em papel!

Claro que eu não iria no GQAA na terça seguinte. Ao invés disso voltei ao mural

de recados. Ficou claro qual seria o próximo passo. De novo o nome se relacionava com o que eu pretendia encontrar: Anticult. Um culto a deuses antigos, certamente. Tive a sensação de que havia encontrado finalmente. O problema é que não tinha nada além do nome.

Tentei sondar esse tal de Anticult. Simulava surpresa diante do aviso na presença de algum colega, como se visse o anúncio pela primeira

vez sem saber a que se referia. Andei por outros blocos a procura de anúncio similar nos murais. Fui na biblioteca pesquisar Anticul, mas não tinha resposta. Pelo menos não até aquela quarta-feira.

Acontece que o cartaz do Anticult tinha um símbolo estranho. Um A arredondado com a barra central inclinada. Lembrava também um sinal de proibido. Ao fundo, uma mancha que eu não conseguia identificar o que

significava. Acontece que numa quarta-feira, enquanto esperava o ônibus para ir pra residência eu vi aquele mesmo símbolo em alguém.

Era uma mulher, mas diferente. Tinha traços sérios e um olhar distraído. No seu braço esquerdo aquele símbolo misterioso estava tatuado. Eu não podia perder essa pista. "Oi? Com licença. O 553 já passou?" "Ainda não." "Que bom!" Isso, comecei a conversa. Agora dou um tempo e continuo.

"Você faz o quê?" "Como assim?" "O curso!"

"Eu estudo Física." "Ah, legal. Eu faço História" Ela me olhou de um jeito que não consegui decifrar se tinha interesse ou desprezo. Resolvi tentar a sorte e abordar o assunto que eu queria, de forma casual. "Legal essa tatuagem." "Obrigada." "Seu nome começa com A?" "Não, com E." Ela para um pouco, séria. Finalmente sorri: "Ah, entendi."

"Esse é o símbolo de um grupo que eu faço parte." "Ah, legal. Que tipo de grupo?" "Vejamos... Um que eu não posso dar detalhes aqui. Você é bem curioso, sabia?" "É, meus amigos vivem dizendo isso." A conversa avançou, mas travou. O que eu deveria fazer? Já sei, mudar de assunto e volto para esse assunto depois. "Você é daqui mesmo?"

"Eu sou daqui mesmo." "Que bom, eu vim do interior.

Ainda estou me acostumando a tudo." "Sei como é." Pensei: quem sabe assim ela me chama pra se enturmar com o grupo dela, nem que seja outro dia. "Esse símbolo parece também um sinal de proibido. Você não parece o tipo de gente que gosta de proibições." Ela dá uma boa gargalhada.

O ônibus 553 se aproxima e ela estende o braço. A estudante entra no ônibus e pergunta: "Não vai?" Eu me

apresso e entro também. "Você pega o mesmo ônibus!" "É sim. E como você é de fora, tenho um conselho: evite andar de noite. É perigoso." "O que acontece?" "Assaltos, todo tipo de coisa." Me olha como quem espera que eu diga alguma coisa.

"Pode deixar, eu tenho cuidado." Ela olha inquieta e pergunta baixinho "O que você acha disso?" "Disso o quê?" "Do crime, essas coisas. Você faz História,

deve ter uma visão boa disso tudo." Não havia pensado a respeito, mas sabia que poderia ser um teste para me aceitar em seu grupo. A questão é: o que ela esperava que eu respondesse?

"Acho que existem várias motivações para crime." "Você sente que o crime tem aumentado ultimamente?" "Os jornais dizem que sim, não é?" "Por quê?" Era o ponto sensível. A resposta poderia me abrir portas ou

fechá-las de vez. O símbolo... A e proibido... Proibido no vazio... Nada ser proibido! "Não sei mesmo. Seria culpa do sistema?"

"Do sistema?" "Talvez... Nunca pensei a respeito antes, mas pode ser intencional." "Certo..." Ela se vira pra frente em sua cadeira e pensa um pouco. Então se vira pra mim de novo e estende a mão. "Eu me chamo Erma." "Eu sou Diogo" "Ótimo, Diogo. Você parece legal. Depois a gente

poderia se ver pra conversar mais." "E por que só depois?"

Chegamos em uma farmácia. Do lado havia um portão e uma escada, em um corredor estreito. Nós subimos e lá em cima tinha outro corredor, com algumas portas. Paramos na frente da segunda. "Mônica?" Demora um pouco e a porta se abre. "Quem é esse?" A Mônica pergunta, comendo um pedaço de bolo. Lá no sofá tem outra mulher sentada.

Elas começaram a conversar sobre uma casa de dragão. Parece ser uma série que eu não assisto. Depois que Erma me apresentou, elas aceitaram a minha presença, mas eu me sentia meio deslocado ali. Resolvi aproveitar um silêncio um pouco mais longo das três para tentar mudar o assunto: "Vocês também estudam na universidade?"

"Ei, me lembrei de você agora!" Gabriela, que estava no sofá quando chegamos,

falou empolgada. "Você é do segundo período! Eu também estudo História, estou no quarto" Interessante. "Mundo pequeno, né?" Quem responde é a Erma: "Pode crer, e a Mônica é atriz! Então, podemos conversar sobre aquele assunto?" Pergunta para as outras duas.

Elas estavam organizando um grupo de estudos sobre o tal de Anticul, que era na verdade Anti-cultismo.

Parecia muito o que eu gostaria de fazer, se esses cultos a que elas se referiam fossem mesmo ao tal deus antigo. Só tinha um problema: a conversa delas me fez crer que era um grupo burocrático demais e teórico demais. E eu tinha que agir.

A caminho de casa eu pensava nesses cultos ao deus antigo. Onde eles poderiam ocorrer? Certamente seriam secretos, em fundo de quintal ou em auditórios subterrâneos.

Num cemitério? Estava distraído quando botaram na minha mão um jornal enquanto eu caminhava. Olhei para trás e vi que estava sendo distribuído aos andantes. Comecei a folheá-lo.

Lendo aquele jornal me caiu a ficha: uma forma de esconder algo é disfarçar e deixar à mostra! Era um jornal de igreja, mas só falava de fim do mundo chegando, de punição dos "infiéis", senhor da guerra... E

eu me perguntava: onde está o Deus do amor? O que estaria acontecendo lá? Seria a entrada para um culto antigo? Sábado eu iria ver.

Cheguei pouco antes da hora marcada, menos de cinco minutos. Não queria chegar cedo demais e ter que dar muitas explicações. Também não queria chegar atrasado e chamar atenção desnecessária. Não sabia qual era a dinâmica daquela igreja. Fui com roupa social e

me sentei perto do fim de uma fileira. Alguns me estranharam ali.

"Irmãos, o mundo está um caos como todos sabem. Mas Deus está voltando! Ele vem para limpar tudo que há de ruim no mundo! Ele vai destruir todos os nossos inimigos para que possamos triunfar em seu nome, glória! Nosso mundo está fraco porque desvirtuam a cultura, a educação e tudo, mas Deus está vindo pra botar ordem na casa!" Vixe...

Os fiéis gritavam palavras de ordem como "Glória a Deus" e "Cai inimigo" Eu estava cada vez mais certo de que havia encontrado o culto ao antigo deus C'turno: havia se enraizado nas igrejas. Pastores terceirizaram os templos para um deus violento e perigoso. Me assustou a ideia de que talvez isso estivesse acontecendo em todo o país.

C'turno era um deus que pregava a violência e exigia submissão e obediência de

seus seguidores. A liberdade, que dá margem à diversidade, é algo abominável para esse deus antigo. Ele também exige sacrifícios, geralmente entre os próprios fiéis. Isso levava a uma paranoia onde qualquer suspeita de traição já transformava o fiel em cordeiro.

Com tudo terminado, levantei-me para sair e fui surpreendido por duas pessoas da equipe da igreja ali, me esperando. "O senhor

pode vir conosco? O pastor tem um minuto de bênção para você." Eu penso em recusar, mas ao olhar para a saída percebo a presença de três policiais de pé, vigiando a entrada. "Tudo bem, glória a Deus" E vamos nós...

Fui levado para uma sala no fundo da igreja. Lá fui deixado com o pastor e dois fortões. "Fico feliz que mais uma ovelha encontrou o caminho." Eu aceno brevemente. "Gostaria de saber mais a seu respeito.

Você trabalha com o quê? Faz o quê?" Eu não sabia o que dizer, estava na cara que a pergunta era uma armadilha. Ele se cansou de esperar.

"Você parece nervoso. Espero que não seja da imprensa querendo me difamar mais uma vez com aquela história de armas na igreja. Você não é da imprensa, é?" "Sou não, pastor." "Ótimo. Melhor assim. Pode voltar para participar do culto quando

quiser. Não precisa falar sobre você também, eu tenho iluminação para conhecer as pessoas."

Esse era o segredo dos cultos do exército amarelo ao deus antigo e perverso C'turno. O grupo que estava fazendo sacrifícios na esperança de trazer seu deus de volta. Carros-bomba, depredações e assassinatos chamariam a atenção de C'turno e o trariam de volta para uma nova temporada

de autoritarismo e terror. E agora eu era um alvo.

FIM